



## A Teologia e a Igreja depois do Vaticano II



Convidado a refletir sobre “Teologia e novos paradigmas”, o Prof. Dr. **Andrés Torres Queiruga**, da Universidad de Santiago de Compostela, abriu sua palestra na manhã de ontem, dia 09 de outubro, no [Congresso Continental de Teologia](#), avisando ao público que abordaria a Teologia e a Igreja depois do [Concílio Vaticano II](#).

O conferencista dividiu sua fala em três pontos: “a orientação objetiva do Concílio; os grandes temas da teologia pós-conciliar; e o futuro, as tarefas e esperanças”.

Para **Queiruga**, o Vaticano II tem uma importância epocal que só se percebe a partir

do enquadramento de longo alcance na história.

Para muitas pessoas, o foco do **Vaticano II** está na Constituição ***Gaudium et Spes***, destacou o palestrante.

Em seguida, lamentou que a Igreja tenha “perdido o passo” no acompanhamento cultural. “Percebemos que a Igreja se colocou contra a cultura, demonstrando uma inércia da instituição, uma tendência de poder sobre a cultura, uma oposição à modernidade, à democracia e à liberdade”. No entanto, destacou que não era toda a Igreja que se posicionava desta forma. “Havia pessoas que pensavam diferente. Apesar do arrefecimento do **Vaticano II**, havia pessoas que tentavam renovar o debate”.

Por sorte, continua ele, “a Teologia não se resignou, mas tinha que se esconder um pouco. Daí, nasceu a teologia positiva, como uma forma alternativa à teologia oficial, abstrata e escolástica”.

Então, nos anos 1950, o Papa **Pio XII** teria interrompido com essa corrente. “Tudo o que estamos dizendo hoje, neste evento, seria impossível na época de Pio XII”.

Na análise de **Queiruga**, o Espírito continua soprando na Igreja e essa é uma esperança.

E continua, reconhecendo que alguns dos protagonistas do Concílio não conseguiram acompanhar o processo posterior, não puderam ir além de seus esforços renovadores. “Foi o único concílio universal que não quis definir dogmaticamente nada”. O conferencista continua, lançando ao público a seguinte questão: “terá sido o Concílio a causa de todos os males da Igreja atual?”.

Para **Andres Torres**, a modernidade colocou a Teologia diante de uma realidade radical. “Eis a herança que a reflexão teológica não pode ignorar”, disse.

Ao abordar as grandes questões do **Concílio Vaticano II**, Queiruga lembrou do problema do mal na humanidade, bem como do desafio da distribuição de alimentos no mundo. “O Concílio nos deu autonomia diante das realidades terrenas, que são finitas, e nos mostram que o mal é inevitável. Deus poderia não ter criado o mundo, mas o criou e nele aparece o mal. Deus nos convoca a lutar contra o mal. Ele precisa das nossas mãos para acabar com o mal. Deus não está na fome, nem na doença; Ele está nos famintos e nos doentes. Devemos pensar sobre isso”, frisou.

Foi então que o teólogo afirmou que a **Teologia da Libertação** ousou dizer “bem aventurados os pobres”. E explicou sua afirmação: “Apesar de tudo, Deus está dentro da Igreja. Não devemos ficar desesperados, mas ter a confiança de que unidos temos força. O mundo continuará em frente, porque Deus está conosco”. Assim, de forma esperançosa, encerrou sua fala.

### **Debate**

Ao responder as questões feitas por escrito pelo público, **Queiruga** destaca que, “se Deus nos cria por amor e está dentro de nós, nos impulsionando na nossa realização, Ele se revela a cada um e a cada uma desde a criação do mundo. Os limites são colocados por nós e, às vezes, não queremos ouvir quando Ele fala”.

Em seguida, destacou que a religião significa perceber que Deus está presente na realidade. “É preciso ter respeito e entender que toda religião é manifestação - mais ou menos perfeita - de Deus. Sempre haverá elementos de outras religiões que podem ser oferecidos a mim. O fundamental é entender que, em Jesus, se alcançou o máximo que humanamente pode ser alcançado. Até podemos aperfeiçoar, mas não ir além de Jesus”.

O palestrante responde enfaticamente a uma pergunta dizendo que, se o **Concilio Vaticano II** não tivesse acontecido, a realidade hoje seria bem pior. “O Concilio foi uma grande bênção”, finalizou.

*Texto de Graziela Wolfart e foto de Wagner Altes*